

# O Militante



BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## ENTREVISTA DO CAMARADA ÁLVARO CUNHAL

### Ao jornal «Mundo Obrero»

### Órgão do C.C. do Partido Comunista de Espanha

I—Qual a situação em Portugal? Face a essa situação,

que perspectiva apresenta o Partido Comunista Português

ao movimento democrático nacional?

**D**efrontando simultaneamente a luta do povo português pela democracia e a luta dos povos das colónias portuguesas pela independência, o regime fascista de Salazar atravessa a crise mais grave da sua história.

Prosseguindo uma política de defesa aberta, descarada e violenta dos interesses dos grupos monopolistas e dos latifundiários, impondo tanto na indústria como na agricultura «planos» e medidas de centralização, entregando cada vez mais os recursos nacionais ao imperialismo estrangeiro, cedendo o território português para a instalação de novas bases militares como é o caso da grande base aérea de Beja dos re-vanchistas de Bona, intensificando a guerra colonial em Angola, Guiné e Moçambique,—o regime divorciou-se completamente da nação portuguesa. Ele tem contra si, não apenas o proletariado, mas os camponeses, a pequena burguesia, vastos sectores da média burguesia, assim como a intelectualidade e a juventude. O regime não tem hoje qualquer base de massas. Mantem-se graças ao apoio do imperialismo e à acção dum aparelho de Estado fortemente centralizado e militarista.

Salazar receia (e justamente) que pelas novas possibilidades de acção política abertas necessariamente por um eventual abrandamento da repressão, ou seja, por qualquer válvula de liberalização, irrompa irresistível a torrente da indignação e da revolta populares acumuladas em 40 anos de fascismo. Isto explica o facto

de em Portugal se não verificar qualquer tendência para uma liberalização do regime, mas, pelo contrário, a restrição em todos os domínios das possibilidades de actuação legal da Oposição, a insistência e acentuação dos métodos de dominação fascista, uma repressão cada vez mais generalizada. A guerra nas colónias e o terror em Portugal mostram a determinação de Salazar continuar a assentar o seu domínio na supressão completa das liberdades e na acção dum aparelho repressivo cuidadosamente organizado e depurado ao longo dos anos.

Nós sempre utilizámos e continuamos a utilizar todas as possibilidades de luta legal e semi-legal, mesmo as mais limitadas e contingentes. As forças democráticas portuguesas têm procurado insistentemente abrir caminho, no próprio quadro da legalidade existente, a uma solução do problema político português, sendo exemplo desse esforço as grandes batalhas políticas travadas durante as mascaradas «eleitorais» fascistas. É a camarilha governante que tem sistematicamente vedado e mostra a determinação de continuar vedando com a violência e o terror a possibilidade duma solução pacífica. Por isso insistimos em que, nas condições existentes, o derrubamento da ditadura fascista exigirá uma luta revolucionária aguda, ou seja, que, em conclusão do desenvolvimento da luta popular de massas, se imporá o levantamento nacional, a insurreição popular armada. Tal a perspectiva que apresentamos.



## II—Pode dizer quais são as tarefas fundamentais do movimento democrático português na actualidade?

Três tarefas fundamentais: a unidade, a organização e a luta de massas.

Quanto à unidade, podemos dizer que ela se verifica de facto nas lutas populares e que é geral o sentimento da necessidade da unidade de acção de todos os sectores democráticos. Existem formas muito diversas de cooperação e de organização unitária de comunistas, socialistas, católicos e liberais. Trabalhar para a unidade de todos os sectores anti-fascistas é uma constante da política do nosso Partido, coroada de importantes sucessos. O nosso esforço presente é dirigido sobretudo no sentido de tornar mais actuante e operativo o amplo movimento unitário existente.

Isto exige um grandioso e multiforme trabalho de organização, para assegurar a direcção tanto das lutas parciais, como da acção política geral.

Quanto às lutas de massas pelo que nos é dado perceber, não é infelizmente suficientemente conhecida em Espanha a persistente, ampla e heróica oposição do povo português à ditadura fascista. Embora com desenvolvimento irregular e defrontando sempre uma cruel repressão, o movimento popular contra a ditadura tornou-se um grande movimento nacional, em que participam amplas camadas da população. São diárias as lutas dos operários indus-

triais e rurais dirigidas por comissões de existência semi-legal. É vastíssimo o movimento estudantil pela autonomia da Universidade e a independência das associações legais. Os intelectuais fazem ouvir persistentemente a sua voz em defesa da cultura e na luta pela liberdade. A resistência dos soldados e jovens oficiais contra a guerra colonial tem uma das suas melhores expressões nos milhares de deserções verificadas desde o início da insurreição angolana em 1961.

Trabalhamos incessantemente para desenvolver as lutas populares com objectivos concretos imediatos, ao mesmo tempo que a luta política aberta. Consideramos que as lutas de massas são o motor da revolução e por isso constituem uma direcção fundamental da actividade do Partido.

Não vivemos presentemente um momento de fluxo revolucionário. Acumulam-se entretanto poderosas energias, que não tardarão em expressar-se em novas grandes batalhas políticas contra a ditadura fascista. A luta é muito difícil e exige e exigirá enormes sacrifícios. Mas o povo português acabará por varrer o fascismo da nossa pátria, conquistar finalmente a liberdade, e realizar a revolução democrática e nacional, definida no Programa do Partido Comunista Português aprovado no VI Congresso realizado clandestinamente em 1965.

## III—Que pode dizer-nos sobre a colaboração existente entre o Partido Comunista Português e o Partido Comunista de Espanha? Em que perspectiva vê a continuidade dessa colaboração?

A cooperação entre os partidos comunistas de Espanha e de Portugal tem o mais elevado interesse para o presente e para o futuro, não apenas para os comunistas de ambos os países, mas para ambos os povos.

Interesse para o presente, porque, apesar das diferenças da situação existente nos dois países, que determinam diferenças na táctica dos dois partidos, verificam-se muitos traços comuns aos dois regimes e uma colaboração entre eles contra o movimento democrático. A informação recíproca, a troca de experiências, o confronto franco de opiniões, a cooperação entre os dois partidos podem a nosso ver contribuir para apressar a libertação de Portugal da ditadura fascista de Salazar e a Espanha da ditadura franquista.

A cooperação entre os dois partidos tem

também um transcendental interesse para o futuro, para o estabelecimento de relações de fraternal amizade e de estreita cooperação entre a Espanha e o Portugal democrático de amanhã e, ulteriormente, entre Espanha e Portugal socialistas.

Razões históricas, razões geográficas, razões políticas, razões que têm raízes no passado e nas exigências do futuro,—tudo se conjuga para impôr, como imperioso elemento de progresso dos nossos dois povos, a amizade e estreita cooperação entre os nossos dois partidos.

Defendemos ardentemente o estreitamento dos laços de amizade e de fraternidade do Partido Comunista Português com o glorioso Partido Comunista de Espanha e pensamos que se pode reforçar mais e mais a nessa cooperação.

**IV—Como considera que se podem reforçar os laços de amizade entre os nossos dois povos e entre as forças democráticas de Espanha e Portugal?**

Os governos de Salazar e de Franco procuram dar um significado político reaccionário a todas as manifestações públicas das relações entre os dois países. De tal forma que, por vezes, para olhos desprevenidos, as relações Espanha-Portugal são as relações Franco-Salazar. Com trabalho pertinaz esta situação pode ser modificada. A cumplicidade Franco-Salazar é possível contrapor iniciativas de aproximação e intercâmbio entre os dois povos.

O movimento democrático conta com tão amplo apoio de massas em Espanha e Portugal, o predomínio das tendências progressivas na intelectualidade é tão nítido em qualquer dos dois países, que se podem vencer os obstáculos levantados pelas ditaduras a essa aproximação e intercâmbio e se pode aproveitar largamente o vasto campo que, contra a vontade dos regimes, existe aberto para tais iniciativas.

Nun outro plano, consideramos um factor desfavorável à nossa luta comum o relativo alheamento em que têm vivido as forças democráticas de Espanha e de Portugal. O estabe-

lecimento de contactos e relações regulares entre elas seria mutuamente proveitoso.

Quando se fala dos povos de Portugal e de Espanha, está consagrada a designação de «povos irmãos». A reacção, o fascismo, o nacionalismo burguês e o chauvinismo das classes dominantes têm impedido que, como verdadeiros irmãos, os nossos povos se conheçam, confraternizem, se entendam na solução dos seus grandes problemas. Em numerosos domínios, embora vivendo lado a lado, os nossos dois povos vivem separados e afastados.

Orientados pelos princípios do internacionalismo proletário, trabalhemos pois para que os povos de Espanha e Portugal se reencontrem, fortaleçam a sua cooperação na luta que hoje travam pela liberdade, estabeleçam bases sólidas em que amanhã assente um estreito e indestrutível entendimento.

Como irmãos que somos, como irmãos que-remos lutar unidos e caminhar unidos para o nosso futuro.

## CONTRA O IMPERIALISMO VIETNAM UM SÍMBOLO E UMA BANDEIRA

**A** Conferência de Guam representa uma nova etapa na escalada da guerra. É o prosseguimento das decisões de Manila em condições mais revoltantes, no meio do clamor de protestos que no mundo inteiro se levanta contra a intensificação das destruições massivas, contra a bárbara agressão dos Estados Unidos ao Vietnam.

Os círculos dirigentes americanos fingem ignorar as recentes propostas de paz formuladas pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da República Democrática do Vietnam. Eles não querem suspender incondicionalmente os bombardeamentos e a outros actos de guerra, para que se possam iniciar conversações de paz. Os Estados Unidos praticam a estratégia das destruições sistemáticas, numa tentativa de liquidação da vida económica e social do Vietnam para sobre ela erguerem o seu domínio imperialista e o escandaloso reinado dos fantoches de Saigão.

O general Curtis, antigo chefe do exército do ar, expressava recentemente os pontos de vista dos estrategas de Washington, preconizando numa conferência pública, «a intensificação dos bombardeamentos, a eliminação do porto do Haifong, a destruição sistemática e contínua enquanto subsistirem ainda dois tijolos, um sobre o outro, de tudo o que foi construído pelo Homem no Vietnam do Norte».

### De um agressor a outro sem tréguas

Há 13 anos as forças de libertação do Vietnam infligiam aos colonialistas franceses a derrota definitiva de Dien Bien Phu.

Os Acordos de Genebra determinaram a neutralidade do Vietnam, a abstenção das duas partes da República Democrática do Vietnam e do governo do Vietnam do Sul—de participarem em alianças militares, a interdição de bases militares estrangeiras em território do

Vietnam, a não interferência de outras nações na vida interna deste país. Cabia ao povo vietnamita, no espírito e na letra dos Acordos de Genebra, o direito de escolher e assegurar os seus próprios destinos. No prazo de dois anos, a contar da data da assinatura daquela Convenção Internacional, o Vietnam devia proceder à sua reunificação por meios pacíficos.

Mas o imperialismo americano e o governo



fantoche de Saigão ignoraram os Acordos de Genebra. Ao dissoluto imperador Bao Dai, lacaio dos colonialistas franceses, seguiu-se Ngo Dinh Diem, o serventuário dos Estados Unidos.

Conselheiros militares americanos instalaram-se no Vietnam do Sul, junto do governo saionês. Desencadeou-se uma repressão brutal contra as forças Patrióticas. Aos conselheiros militares sucederam-se os aviões, o armamento dos Estados Unidos, os peritos na estratégia da guerra reaccionária contra um povo que aprendeu a amar a liberdade e a independência no

fragor da luta contra os ocupantes estrangeiros e os seus lacaios.

Os imperialistas americanos não respeitaram os Acordos de Genebra, assinados em 1 de Julho de 1954. Eles foram os elementos impulsioneiros dos acordos militares do Sudeste Asiático, da SEATO, que ligaram os Estados Unidos ao Vietnam do Sul e ao seu grupo de governos fantoches.

Na base do tratado da SEATO os imperialistas americanos intervieram militarmente no Vietnam.

### Um agressor brutal

A guerra dos Estados Unidos contra o povo do Vietnam reveste-se de uma brutalidade sem paralelo. Os imperialistas americanos empregam contra um pequeno país as mais modernas técnicas de destruição: bombas de alto poder, napalm, bombas de fósforo, gases tóxicos, armas bacteriológicas destinadas à destruição de culturas e de seres humanos.

Até à primavera de 1965, 170.000 vietnamitas tinham sido mortos, mais de 800.000 feridos e torturados, mais de 400.000 lançados nas prisões, mais de 5 milhões de camponeses encerrados nas «aldeias estratégicas».

Numa só operação de tipo corrente, a aviação americana devastou mais de 10.000 hectares de cultura, provocou milhares de vítimas entre a população, incluindo crianças, dizimou mi-

lhares de animais.

Em 12 de Janeiro do corrente ano as tropas dos Estados Unidos destruíram a região do Triângulo de Ferro, a 40 quilómetros de Saigão. Dezasseis mil soldados procederam ao incêndio e demolição de todas as aldeias, deixando sem abrigo 10 mil camponeses. Bombardeiros B-52 atacaram posteriormente a região para tornar impossível o seu aproveitamento. A floresta, numa extensão de 10 quilómetros foi destruída com napalm, escavadoras e dinamite. Hospitais, creches, escolas, templos religiosos, fábricas, bairros inteiros são arrasados pelas forças armadas dos Estados Unidos, na sua erminosa escalada de guerra.

As monstruosidades do nazismo são ultrapassadas pelos actos mais abomináveis cometidos pelos imperialistas americanos no Vietnam.

### A guerra do povo

470.000 soldados americanos combatem no Vietnam. Jutam-se a estes 620.000 soldados do Sul do Vietnam e mais de 60.000 da Nova Zelândia, Austrália, Coreia do Sul e Filipinas. Mais de um milhão de soldados, apoiados pelo poderio aéreo e naval dos Estados Unidos, tentam esmagar a luta do povo vietnamita pela sua independência.

A epopeia escrita pelos combatentes do Vietnam contra a mais poderosa potência capitalista provoca o assombro e a mais viva simpatia e apoio dos povos do mundo inteiro.

Donde vem esta força militar que acutila, desgasta, inquieta, desprestigia as forças armadas dos Estados Unidos?

Donde vem este heroísmo que se tempera nos mais duros combates? Donde surgiu esta estratégia de guerra, que põe em xeque os planos dos generais americanos, formados nas academias militares.

Esta capacidade de combate vem do povo, da guerra do povo, do amor do povo à independência, à liberdade, aos altos ideais da democracia e do socialismo que alimentam a sua luta.

Em dezenas de anos de combate contra os

colonialistas franceses, contra os ocupantes japoneses, o povo do Vietnam forjou uma experiência revolucionária preciosa e quadros políticos e militares capazes de continuarem a luta contra os agressores americanos, em condições de sucesso.

Os imperialistas americanos conduzem uma guerra injusta. O povo do Vietnam conduz uma guerra justa. O potencial militar dos Estados Unidos mostra-se incapaz de destruir a capacidade ofensiva dos patriotas vietnamitas, o seu poder militar.

No Vietnam do Sul existem as Forças Armadas de Libertação, exército disciplinado e aguerrido, composto de forças de auto-defesa e destacamentos, que libertou vastas zonas do país. No Norte actua as forças armadas da República Democrática do Vietnam, igualmente temperadas na luta de libertação nacional.

As forças armadas de libertação do Vietnam são compostas de operários, camponeses, estudantes, intelectuais, de filhos e filhas do povo que mostram a capacidade militar e a coragem dos grandes combatentes.

## O valor da Unidade

A luta do povo do Vietnã contra os imperialistas americanos é uma luta militar e política. No Sul do Vietnã essa luta é dirigida pela Frente Nacional de Libertação, que exprime verdadeiramente a unidade de combate do povo. Nela se integram a classe operária, os camponeses, a juventude. A intelectualidade vietnamita consagra-lhe a riqueza do seu saber e a sua acção militante nas forças armadas e no trabalho político. Na Frente Nacional de Libertação participam 30 organizações políticas, religiosas e sociais, entre as quais o Partido Popular Revolucionário, o Partido Radical Socialista e o Partido Democrático, a Associação dos Trabalhadores para a Libertação do Vietnã, a Associação dos Camponeses para a Libertação do Vietnã do Sul.

No norte, na República Democrática do Vietnã, a luta contra a agressão é dirigida pelo Partido dos Trabalhadores do Vietnã, partido marxista-leninista e pelo governo do Vietnã, que aglutinam à sua volta as organizações de massas dos trabalhadores, da juventude, das mulheres, das forças válidas da República.

### Solidariedade militante ao heróico povo do Vietnã

Um regime putrefacto existe em Saigão. Regime de generais corruptos, que se sucedem nos golpes de Estado, mas que o imperialismo americano subsidia e maneja num jogo de marionetes, para tornar o Vietnã uma nova parcela do domínio económico político e militar dos Estados Unidos. A heróica luta do povo do Vietnã pela independência e a liberdade é conduzida contra o maior opressor dos povos, o imperialismo americano, o gendarme da reacção, o fomentador de conflitos que ameaçam a paz do mundo.

A luta do povo do Vietnã faz parte integrante da luta revolucionária dos povos pela independência nacional, pela democracia, o socialismo e a paz, pelos mais imperiosos objectivos a que aspira a Humanidade progressiva. A guerra do Vietnã está no centro das atenções e da vida política do mundo inteiro.

Em volta da luta do povo do Vietnã se forjou e desenvolveu um poderoso movimento de solidariedade à escala internacional. Os países do campo socialista, os partidos comunistas e operários, os trabalhadores, as forças progressivas do mundo recrudescem na acção para ajudarem o Vietnã heróico.

Na solidariedade ao Vietnã, a União Soviética ocupa o mais destacado lugar. Armas, aviões, abastecimentos, vestuário, máquinas, técnicos, uma ajuda material e um apoio político inestimáveis caracterizam o tipo de auxílio que

Entre o Norte e o Sul existe uma união indissolúvel das forças patrióticas para o combate contra o agressor e os seus lacaios. É essa união militar e política que dá ao povo do Vietnã a indomável vontade de vencer, a coesão monolítica com que se apresenta perante o inimigo.

A República Democrática do Vietnã, constrói o socialismo, vantagem apreciável para um povo em luta pela sua independência.

No Sul, sob a direcção da Frente Nacional de Libertação, o objectivo fundamental da luta é varrer o invasor, expulsá-lo do solo pátrio e realizar a revolução democrática e nacional, que se está empreendendo no fragor dos combates, nas áreas libertadas.

A terra arde debaixo dos pés dos opressores americanos. O poder revolucionário do povo do Vietnã semeia a confusão nas fileiras do inimigo bem armado e municiado, irrompendo sob as formas mais variadas, provoca a instabilidade e a desmoralização, cria o pânico e a desordem, leva aviões e forças americanas a metralhar e dizimar destacamentos do seu próprio exército ou dos seus aliados.

é prestado em escala crescente pela União Soviética e os outros países socialistas. Tal como confirmou a reunião de Bucareste, os países socialistas estão dispostos a enviar voluntários para o Vietnã, logo que o governo daquele país se manifeste neste sentido.

No mundo inteiro, milhões de trabalhadores, de jovens, de intelectuais, de mulheres, de combatentes da democracia, do socialismo, da independência nacional e da paz redobram de esforços no combate à agressão americana no Vietnã, na solidariedade ao povo do Vietnã forjando na luta diária a poderosa frente anti-imperialista, que há-de pôr fim à criminosa intervenção dos Estados Unidos, embora uma tal frente seja debilitada pela acção cisionista de Mao Tsé Tung e do seu grupo.

A unidade do movimento comunista internacional, a coesão das suas fileiras para concertar e intensificar a ajuda ao povo vietnamita constituem um factor fundamental da criação e fortalecimento da frente anti-imperialista à escala do mundo.

Perante a brutalidade da guerra imposta pelo imperialismo americano perante os objectivos que movem o povo do Vietnã na sua resistência ao agressor e na sua luta pela independência nacional e pela paz cumpre aos comunistas portugueses, à classe operária, às forças progressivas e patrióticas intensificar os seus esforços,



reforçar a sua solidariedade militante ao Vietnã em luta marchando estreitamente com os partidos irmãos, com a classe operária, com os milhões de homens e de mulheres que no mundo inteiro e em cada país colocam o auxílio ao Vietnã e a luta contra os agressores americanos no primeiro plano da sua actividade revolucionária.

Quando se trata do combate ao imperialismo,

inimigo jurado do nosso povo e da nossa Pátria; quando se trata da luta pela defesa da paz, da democracia e da independência nacional; quando se trata da solidariedade a um povo irmão martirizado exige-se um esforço acrescido, a somar às acções até agora empreendidas, pela classe operária, pela juventude, pelos comunistas portugueses.

## CONTRA O ROTINEIRISMO E O BUROCRATISMO

### Apliquemos a Orientação do Comité Central

Na sua reunião de Agosto passado, o Comité Central sujeitou a uma dura crítica os métodos rotineiros de trabalho e o burocratismo que mais ou menos se incrustaram em todos os organismos do Partido e chamou todos os militantes a combatê-los sem tréguas.

O rotineirismo e o burocratismo impedem a pesquisa de novos métodos de actuação e abafam toda a iniciativa dos militantes. Esta batalha está no entanto a desenvolver-se com muita lentidão. A maioria dos militantes ainda não foge para o combate decidido contra aqueles e outros males apontados no Comunicado do Comité Central saído da reunião de Agosto.

Para vencer o rotineirismo e o burocratismo com a rapidez exigida pela situação do Partido e pela situação política nacional e internacional, são necessárias uma forte convicção da origem dos males apontados e uma firme determinação de vencer, da parte de todos os militantes e simpatizantes do Partido.

Chamando todo o Partido e os seus simpatizantes a darem a sua contribuição a fim de se transpôr as dificuldades actuais e avançar confiantemente pelo caminho indicado, o Comité Central confiava nas capacidades ainda não reveladas, nos quadros que ainda não puderam patentear as suas aptidões de organizadores. Por isso, apelou para a energia, combatividade e espírito revolucionário de todos os membros do Partido, salientando com força que havia que pôr fim a uma espécie de monopólio de tudo resolver de que tem desfrutado o corpo de funcionários. Há que confiar não só na iniciativa dos organismos intermédios e dos militantes de base, mas também na sua capacidade realizadora.

A capacidade dos militantes responsáveis, se quisermos, dos melhores militantes, nas regiões, localidades, empresas importantes, em toda a parte onde pulsa o coração do proletariado, deve revelar-se na utilização audaciosa dos militantes novos do Partido que estão em ligação directa com as massas, para lutar resolutamente

contra os verdadeiros venenos que são o rotineirismo e o burocratismo.

Os organismos centrais dos grandes sectores e os organismos regionais devem reunir nas suas mãos tão só a direcção dos problemas fundamentais e confiar, como salientou o Comité Central, nos organismos intermédios e nos militantes de base.

A centralização da direcção deve combinar-se com o máximo desenvolvimento da iniciativa local, na empresa, em todos os locais de trabalho, nas escolas e com a actividade criadora da classe operária e das amplias massas trabalhadoras.

Com o centralismo democrático, dizia Lênine, «a unidade nos problemas fundamentais, cardiais, essenciais, longe de ver-se prejudicada, está assegurada pela variedade nos detalhes, nas particularidades locais, nas formas de abordar os problemas, nos métodos de aplicação do controle...».

Não poucas vezes o funcionário do Partido, agarrado até mais não à concepção de que só os funcionários são capazes de fazer e de que só eles estão em condições de conhecer os problemas, esquece que são os membros do Partido dessas regiões, que nasceram e vivem lá, que palmilham diariamente os caminhos no amanho da vida, que conhecem os exploradores e os explorados, que estão em melhores condições de informar, de se orientarem, de se movimentarem, de realizarem na prática, as tarefas do Partido. O funcionário do Partido esquece com frequência que, sendo um profissional revolucionário que entregou toda a sua vida à causa da defesa dos interesses do proletariado, da Revolução, não é, nem pode ser, um sábio, um homem orquestra. Por isso, ele deve fundamentalmente exercer um correcto controlo do cumprimento das tarefas colocadas pelo Partido, ajudar política e orgânicamente as organizações e os militantes, fomentar a iniciativa dos militantes, ouvir atentamente os militantes de base, transmitir de maneira simples

as directrizes dos organismos de direcção—confiar nos homens e nas mulheres simples do nosso Partido.

A verificação do cumprimento das resoluções e das tarefas distribuídas constitui um importante aspecto da orientação traçada pelo Comité Central e é de importância decisiva na vida e desenvolvimento do Partido do proletariado.

O controle do cumprimento das tarefas distribuídas pelos organismos do Partido e pelos militantes individualmente, permite pôr a claro, e a tempo, erros de apreciação, fazer as correcções necessárias nos planos de actuação traçados para a realização prática das resoluções e decisões do Partido. Permite também descobrir novas possibilidades de actuação até então desconhecidas.

No caso de haver desvios na orientação traçada, eles serão descobertos e remediados a tempo. Não basta, pois, tomarem-se resoluções e decisões acertadas. Isto é apenas o primeiro passo. Uma vez tomadas as resoluções e distribuídas as tarefas pelos organismos e militantes, a verificação do seu cumprimento, passo a passo, é decisiva para o desenvolvimento posterior de toda a actividade criadora do Partido, no seu conjunto e de cada militante em particular.

Após a citada reunião do Comité Central, alguns camaradas mostraram uma certa desilusão. Diziam que esperavam mais da reunião. Isto é, esses camaradas esperavam soluções feitas para resolverem as dificuldades que encontravam na sua actividade. Este facto, só por si, mostra que os camaradas em questão não compreenderam um dos aspectos mais importantes das conclusões daquela reunião do Co-

mité Central. Como já se salientou, o Comité Central destacou a necessidade de se abrir ampla discussão em todo o Partido de maneira a que todos os militantes participassem efectivamente na pesquisa de soluções novas, no seu apuramento, e também na sua aplicação audaz na vida prática, sempre subordinada à orientação geral do Partido.

Certamente que nenhuma resolução, por mais bem elaborada que sejam, como nenhum manual, por mais completo que seja, darão receitas feitas aos militantes do Partido para vencerem as dificuldades e fazerem avançar o Partido e a luta. Darão, isso sim, a orientação geral, o rumo. O espírito de iniciativa e de responsabilidade devem pois orientar todos os militantes.

Outros camaradas, pelo contrário, apresentando-se nas reuniões com ideias próprias, segundo eles susceptíveis de, uma vez aplicadas, ajudarem o Partido a abrir novos caminhos ao seu desenvolvimento e à luta que conduz, ficarão um tanto admirados por terem encontrado nos camaradas responsáveis auditores atentos, sem quaisquer manifestações de surpresa e combate, independentemente da justeza ou não justeza das ideias e soluções apresentadas. Também estes camaradas parece não terem compreendido que era justamente isso que se desejava, que era justamente isso que correspondia ao espírito das conclusões da reunião de Agosto do Comité Central e ao apelo do Partido.

Estes exemplos, ainda pouco numerosos, devem inspirar todos os militantes na sua actividade prática em busca de novas soluções para resolver os problemas novos que a vida nos apresenta todos os dias e vencer as dificuldades apontadas pelo Comité Central.

## A LIGAÇÃO COM AS MASSAS

(continuação da pág. 12)

clarecimento e na orientação das lutas da classe operária e no desenvolvimento da sua consciência política. Mas a propaganda e a agitação são insuficientes. É a acção da vanguarda, é a actividade dos comunistas nos locais de trabalho, é a sua ligação com as massas que permitem assegurar uma direcção eficiente à luta, que permite aplicar na prática a linha do Partido.

O Partido é a força de vanguarda dos trabalhadores, que nele confiam e dele esperam a orientação acertada para pôr cobro à exploração, à miséria, à sua insustentável situação.

Quanto mais fortes forem os laços que ligam o Partido às massas, maiores serão os êxitos da

classe operária e das massas laboriosas contra os seus algozes e exploradores.

Na sua actividade diária à frente das massas, esclarecendo-as, orientando-as, organizando-as, dirigindo-as na luta, os comunistas devem dar provas de lucidez política, de capacidade revolucionária, de coragem e de abnegação, de firmeza e de bom senso, pois estas qualidades são altamente apreciadas pelos trabalhadores e constituem elos de ligação entre os comunistas e as massas.

Na dura batalha contra o fascismo quanto mais fortes forem os laços que unem o Partido às massas maiores são as possibilidades de defesa dos militantes, maiores serão as suas condições de sucesso.



# CONDIÇÕES OBJECTIVAS

## *E lutas de massas*

No livro *Rumo à Vitória*, o camarada **Álvaro Cunhal** afirma que «a luta popular de massas é o motor da revolução».

Há no entanto quem não compreenda a necessidade de intensificar as lutas da classe operária e considere que não existem, neste momento, condições objectivas para grandes lutas.

Nós perguntamos: melhoraram as condições de vida das massas trabalhadoras? Estão os salários ao nível das necessidades essenciais de uma família operária?

### Existem condições objectivas favoráveis a grandes lutas de massas

Agravaram-se as condições de vida das massas trabalhadoras. Aumentou o desnível entre os salários e o custo de vida. Em cada dia se registam novos acréscimos nos preços dos géneros de amplo consumo assinalando a política fascista em defesa dos monopólios e o contínuo enriquecimento destes. Os aumentos conseguidos pela luta dos trabalhadores ficam muito aquém da vertiginosa subida dos preços. O imposto de transacções, lançado em Agosto do ano passado, aumentou de um só golpe o custo de vida em 7 e 20 por cento e abriu, podemos dizê-lo uma nova fase, de graves consequências, no aumento do custo de vida.

São melhores as condições de trabalho nas empresas? É menor a exploração da classe operária?

Pelo contrário. Agravaram-se as condições de trabalho nas empresas pela intensificação dos ritmos de produção, pela aplicação do «trabalho à ficha», do trabalho com direito ao «mérito», à «assiduidade», pela aplicação do método de racionalização, pelo estudo «científico» sobre a melhor forma de explorar os trabalhadores, forçando-os a ritmos de produção esgotantes, medindo-lhes os gestos, impondo-lhes planos de produção que devem realizar num prazo determinado de tempo. À medida que se opera a concentração capitalista na indústria, a exploração da classe operária intensifica-se, reduz-se o tempo de trabalho destinado ao pagamento do salário, aumenta o tempo de trabalho suplementar, de trabalho não pago, que entra nos cofres capitalistas sob a forma de lucro.

Com os novos métodos de produção, com os «processos científicos» de trabalho, o patrona-

to agravou o sistema de multas e de castigos, reforçou as formas de vigilância e de pressão sobre os operários, ao mesmo tempo que força os trabalhadores à realização de horas extraordinárias sob a ameaça de despedimentos.

Entre a classe operária cresce o coro de protestos dos **corticeiros** contra os salários de 35\$00 e 38\$00, dos **mineiros** contra os salários de 26\$00 e 32\$00, dos **cerâmicos, têxteis, metalúrgicos, conserveiros, motoristas**, de quantos sofrem a exploração capitalista e as consequências que esta comporta.

Não se reduziu, antes aumentou o grau de dependência de Portugal ao imperialismo estrangeiro. O peso dessa dependência recai sobre os ombros dos trabalhadores. Na empresa alemã **GRUNDIG**, em **Ferreiros**, perto de **Braga**, um operário português recebe numa semana o salário equivalente a um dia de trabalho de um operário alemão.

Não admira que os fascistas ofereçam com o despudor da traição aos capitalistas estrangeiros, as riquezas nacionais e a mão de obra barata dos trabalhadores portugueses.

A dominação imperialista significa dependência económica do país em relação às grandes potências capitalistas. Significa exploração desenfreada dos trabalhadores, enriquecimento fácil dos monopólios estrangeiros, exportação de capitais, saídas do suor e do esforço da classe operária, sob a forma de grandes lucros.

A dominação imperialista significa o aumento dos transportes colectivos de Lisboa, para satisfazer a ganância dos capitalistas ingleses da **Carris** e dos capitalistas portugueses a eles associados.

### Êxitos e perspectivas nas lutas de massas

O caminho para o desencadeamento de grandes lutas, para o levantamento nacional contra a ditadura fascista, passa pelas lutas reivindicativas nas empresas, pela satisfação das necessidades imediatas dos trabalhadores. Essas lutas são pequenos ribeiros que vêm a originar os

grandes rios. Nelas a classe operária ganha experiência, desenvolve o seu espírito de luta, aprende a servir-se das armas da organização, da ofensiva e da defensiva, reforça a sua unidade e consciência de classe, cria as condições para lutas de carácter mais largo e de maior

projeção.

Não estamos numa fase de estagnação da luta de classes. Estamos num período em que as condições objectivas são particularmente favoráveis ao desencadeamento de grandes lutas de massas por aumento de salários, por melhores condições de trabalho, contra o aumento do custo de vida, contra a guerra colonial, contra a intensificação da exploração capitalista, contra o fascismo.

Não se têm registado nos últimos tempos grandes lutas da classe operária, mas esse facto não desmente a afirmação de que novas e amplas perspectivas se abrem à luta dos trabalhadores. A causa da diferença entre as possibilidades de grandes acções reivindicativas e a sua concretização reside nas deficiências do trabalho do Partido, na organização e desencadeamento das lutas de massas, no atraso do nosso trabalho organizativo nas empresas, em sectores industriais, em regiões agrícolas de fortes tradições de luta. Reside na falta de iniciativa dos militantes, dos organismos de base, locais, regionais e de direcção, na falta de medidas concretas para impulsionar, fomentar, dirigir as lutas reivindicativas dos trabalhadores. Reside na falta de audácia e de capacidade de militantes do Partido para se colocarem à frente das massas e assegurarem-lhes uma direcção acertada.

Assistimos a um revigoramento das lutas reivindicativas nos últimos meses, ditadas pelo agravamento das condições de vida dos trabalhadores. Algumas dessas lutas revelam uma elevada combatividade dos operários e operárias, que se manifesta sob a forma de greves das **conserveiras do Algarve**, nas fábricas **União Conserveiro e Feu & Hermanos**, dos operários da **Perry & Son**, na véspera de Natal, dos operários de uma empresa de carburetos na **Figueira da Foz**, que se revela na paralisação dos operários da **Construtora Abrantina** apesar das ameaças da G.N.R. chamada pelo patronato, na corajosa concentração das 1.000 operárias da **fábrica FEX** (americana), da luta vitoriosa dos operários da **Trefilaria de Sacavém** contra a redução da semana de trabalho e por aumento de salários, na concentração de 700 **operários têxteis de algodão** no sindicato de **Delães**, para protestarem contra o atraso no recebimento da fêria.

Na fábrica **Feu & Hermanos** a greve durou sete dias e desenvolveu-se dentro de um espírito de unidade, firmeza e consciência de classe, que pode ser apresentado como exemplo aos trabalhadores portugueses. Desenvolveu-se em torno de um movimento de solidariedade para com um companheiro despedido, que foi readmitido mercê do poderoso apoio das operárias conserveiras. Durante os sete dias de greve as trabalhadoras da **Feu & Hermanos** souberam manter o seu espírito combativo, a unidade de acção, evitando que as mais fracas se sentissem tentadas a regressar ao trabalho. Ao mesmo tempo

que elevavam a sua disposição de luta organizavam piquetes de greve que estabeleciam a vigilância em torno da empresa.

Exemplo vivo do espírito de iniciativa e de capacidade de acção foi o que presidiu, no essencial, à luta dos operários da **Trefilaria de Sacavém** contra a redução da jornada de trabalho semanal e por aumento de salários.

Através de concentrações na gerência, recorrendo à «cera» e às paralisações, elegendo uma comissão de unidade estreitamente ligada aos operários, tomando uma posição de firmeza e actuando em bloco junto dos patrões, insistindo, argumentando, reforçando atitudes de combatividade e de unidade, os trabalhadores da **Trefilaria de Sacavém** conquistaram os 6 dias de trabalho por semana e um aumento de 8\$00 diários.

As mais recentes lutas por aumento de salários obtiveram êxitos em várias empresas do **Ribatejo**, entre os **operários metalúrgicos e da construção civil de Évora**, entre os **corticeiros da Margem Sul**, que impuseram em várias empresas salários superiores aos do contrato colectivo, entre os **operários e empregados dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto**, entre os **operários da construção civil de Lisboa**.

Em várias empresas estão em curso lutas reivindicativas por aumento de salários, pela satisfação de necessidades imediatas, pela melhoria da assistência médica, pela integração do «mérito» no salário, contra as horas extraordinárias, contra o pagamento à quinzena ou ao mês.

As concentrações na gerência e no sindicato, a insistência na solução imediata dos seus problemas, a criação de comissões de unidade, a utilização de abaixo-assinados, o recurso ao trabalho lento, à «cera» continuam sendo formas de luta utilizadas pelos trabalhadores.

Nos **Serviços de Transportes Colectivos do Porto**, o escasso aumento conseguido e as normas prescritas para o recebimento dos 7\$10 do «mérito», lançaram de novo os corajosos trabalhadores dos transportes urbanos em acções de protesto e em concentrações junto da administração e do sindicato, contra as medidas tomadas.

Na **Perry & Son**, nas fábricas de **Cacilhas e de Lisboa**, nos barcos em reparação, os operários desta empresa recusaram-se a fazer horas extraordinárias durante 15 dias, resistindo em bloco à pressão patronal e reclamando em contrapartida aumento de salários. A direcção da empresa manobrou para quebrar a unidade e firmeza dos trabalhadores. Usou dos métodos de corrupção e de divisão. Promoveu vários operários de diferentes secções e levou alguns a fazer horas extraordinárias. O pessoal reagiu imediatamente, arremessando desperdício encharcado em óleo sobre os «amarelos» vaiou-os e insultou-os. Mas foi um facto que a unidade se quebrou, que se enfraqueceu a resistência e a com-



batividade dos operários que iniciaram o trabalho das horas extraordinárias sem que os salários lhes fossem aumentados.

Os trabalhadores continuam a utilizar os sindicatos fascistas como campo de luta. Não se trata de uma posição oportunista, mas de uma atitude consciente que se não deixa enredar nas malhas da propaganda do regime.

As sucessivas concentrações dos empregados da imprensa no seu sindicato levaram à assinatura do recente contrato colectivo, à satisfação de várias reivindicações, à melhoria de salários, embora esta não satisfaça nem de longe as necessidades impostas pelo aumento do custo de vida.

Os Portuários não sindicalizados conduzem uma valorosa luta pela satisfação das suas reivindicações fundamentais, formuladas em abaixo-assinado entregue ao ministro das Corporações e explanadas nas deligências junto da imprensa diária.

Entretanto, os Portuários de Lisboa insistem, em reuniões no seu sindicato e em deligências junto das autoridades fascistas, para que seja concretizada a promessa do contrato definitivo de trabalho, que já devia ter sido assinado em Dezembro passado, mas que sofre dos embaraços que lhe são criados pelos armadores e autoridades fascistas. Eles não pretendem satisfazer as reivindicações dos portuários e manobram nesse sentido.

Operários dos cortumes, bancários, caixeiros, empregados de escritório, da propaganda médica, operários da construção civil, têxteis de lanifícios, motoristas, conserveiros, operários dos tabacos, empregados de mesa utilizam os sindicatos, concentram-se nestes, pressionam as suas direcções, repetindo as deligências, reforçando a unidade combativa, para que os seus salários sejam aumentados, para que um novo contrato colectivo seja elaborado.

## Elevar o nível das lutas

### Assegurar-lhes uma direcção capaz

«O Comité Central considera que as dificuldades que o Partido atravessa, não excluem, mas pelo contrário, exigem da parte do Partido um grande esforço para orientar e organizar a classe operária e as massas populares na luta pelos seus interesses vitais imediatos, na luta contra o aumento do custo de vida, pelo aumento de salários, contra a guerra colonial, contra a repressão e pela amnistia» afirma o comunicado do Comité Central, saído da reunião de Agosto passado.

Pode a orientação estabelecida pelo VI Congresso, concretizada pela última reunião do Comité Central, ficar no papel? Podem os militantes comunistas deixar a corrente de descontentamento e de revolta dos trabalhadores passe a seu lado, sem que eles se envolvam nela e se tornem a sua força de direcção?

A classe operária requer a direcção do Partido Comunista, porque confia nele. O Partido Comunista existe para assegurar à classe operária uma direcção capaz, firme e consequente. Sem uma tal direcção o Partido não cumprirá o seu papel de vanguarda.

Como se explica que lutas iniciadas pelos trabalhadores, em volta de problemas vitais, tenham ficado a meio caminho ou mesmo no início? As conserveiras e conserveiros não se dispõem a lutar? Não estão interessados no aumento de salários? Não o estão igualmente os operários dos tabacos, os motoristas, os operários da Companhia dos Telefones? Sim, eles estão interessados em melhorar as suas condições de vida, eles estão interessados no aumento de salários. Mas estes e outros sectores da classe operária necessitam da ajuda do Partido, da capacidade de organização e de direcção dos seus militantes, para criarem os seus órgãos de luta

—as suas comissões de unidade, comissões sindicais, para coordenarem a sua acção reivindicativa na empresa, no local de trabalho, na região e à escala do país.

Quando faltam as medidas concretas, o trabalho de organização, a actuação firme e justa para assegurar uma direcção acertada e pronta às lutas de massas, estas perdem a sua combatividade inicial, deslizam para a expectativa, para a confusão, para a falta de confiança, para o desânimo, quando não passam para a direcção de dirigentes sindicais traidores, que as sabotam ou delas querem colher os louros que lhes não pertencem.

Como organizar, dirigir e impulsionar as lutas de massas? Como elevar a luta ao nível das possibilidades actuais do Partido e das condições objectivas que se lhe deparam?

Melhorando o trabalho de organização do Partido, desenvolvendo uma actividade organizativa e mobilizadora mais ampla, mais precisa entre os trabalhadores, na base dos seus problemas concretos e imediatos, criam-se as condições para o desenvolvimento das lutas de massas.

Conhecer os problemas dos trabalhadores, avaliar da sua disposição de luta, encontrar e determinar as reivindicações que podem pôr em movimento os operários de uma empresa, de um ramo industrial, de uma região, do país inteiro, é assegurar a uma luta reivindicativa uma base fundamental de desenvolvimento.

Não basta encontrar as causas para o desencadeamento de uma luta reivindicativa. Não basta desenvolver uma agitação concreta e convincente junto dos trabalhadores. É indispensável criar os organismos de direcção—comissões de unidade, comissões sindicais, comissões de co-

ordenação à escala local, regional e nacional, e outras—para que a luta se desenvolva de forma coordenada, se alargue e ganhe força e apoio entre os trabalhadores, se revista de combatividade, de firmeza política, de capacidade de acção.

As lutas reivindicativas tomam diferentes formas e evoluem de maneira variada. Mas dentro dos aspectos particulares de que se revestem há uma questão fundamental que sempre deve estar presente: o poder ofensivo das lutas. Luta começada, é luta que deve subir de nível, que deve ganhar força, que deve colocar os operá-

rios na posição de ataque, tendo e ganhando consciência de que estão lutando pelos seus interesses vitais contra um inimigo hábil, possuidor de recursos vários que utilizará para dividir os operários, para vencê-los.

É na escola da luta que as massas trabalhadoras aprendem a arte da guerra de classes, a estratégia e a tática do combate pela sua emancipação. É na escola da luta que os comunistas aprendem a organizar, mobilizar e orientar os trabalhadores, sobre a base da experiência, guiando-se pela linha política do Partido, pela sólida bússola do marxismo-leninismo.

## A LIGAÇÃO COM AS MASSAS

### E a defesa do Partido

**S**em defesa das organizações e dos militantes não pode haver trabalho sério e duradouro do Partido. Mas não confundamos medidas de defesa com isolamento do Partido, com o seu afastamento das massas trabalhadoras, com a actividade em redomas de vidro, onde se pretende evitar a acção do inimigo, mas onde não chegam os ecos dos problemas vivos dos trabalhadores

e da situação nacional e onde muito menos se pode desenvolver a actividade revolucionária de um Partido de vanguarda e dirigir convenientemente a luta dos trabalhadores pela defesa diária dos seus interesses.

O nosso Partido encontra-se tanto mais defendido quanto mais ligado está às massas trabalhadoras.

### O valor da defesa do Partido

O fascismo acumulou uma experiência política sobre os nossos métodos de defesa e de organização.

Se se repetem os mesmos erros, se não se ultrapassa a experiência do inimigo e se uma tal preocupação não domina todo o Partido, arriscamo-nos a sofrer as consequências dos métodos rotineiros, da indisciplina e do alheamento a que se vota a orientação estabelecida pelo VI Congresso em matéria de defesa e de organização e concretizada de novo na reunião do Comité Central de Agosto do ano passado.

O fascismo e o patronato redobram de esforços no combate ao Partido porque este é um poderoso obstáculo à realização da sua política e a maior e a mais séria ameaça ao seu criminoso domínio.

O aparelho repressivo do fascismo não aumentou apenas os seus efectivos. Melhorou e aperfeiçoou os meios técnicos de vigilância.

Para que o Partido viva, lute e cresça é necessário ter presente o valor dos métodos de defesa, a experiência do inimigo, a capacidade de acção da polícia, a evolução que se vai operando nos seus processos de vigilância. Não se podem repetir erros que foram a causa de vários desastres e que resultam de actos impensados, de quebras de disciplina, de falta de reflexão, de bom senso, de espírito de Partido, de noção de responsabilidade.

É necessário renovar os nossos métodos de trabalho, em matéria conspirativa, tendo a preocupação de vencer o esquematismo e a rotina. É necessário ao mesmo tempo conduzir uma luta persistente contra os actos de indisciplina e de irresponsabilidade, buscando os processos de defesa que mais se ajustem a esta e encontrando as formas de organização e os quadros que melhor possam preservar o Partido da acção policial.

### A defesa do Partido e a ligação com as massas

Não podemos considerar a actividade do Partido Comunista Português sem ligação com as massas trabalhadoras. O Partido é destacamento de vanguarda da classe operária, a sua expressão organizada e consciente, que só vale quando sabe exprimir os legítimos interesses dos trabalha-

dores e orienta estes na sua luta. Quando está solidamente ligado às massas e sabe formular as suas mais instantes aspirações.

O que sucede a um organismo do Partido que se isola das massas?

Um tal organismo é uma negação da activida-



de do Partido e dos seus objectivos políticos. Ao isolar-se das massas esse organismo perde a sua força e capacidade de defesa. Perde a sua força, porque não recebe o apoio estímulo dos trabalhadores, porque não se renova e não se alarga pelo recrutamento de novos membros. Perde a sua capacidade de defesa porque o isolamento o torna alvo fácil da repressão e da vigilância policial.

Existem infelizmente camaradas e organismos que consideram a defesa do Partido através de formas de trabalho que levam ao seu completo isolamento. Esses camaradas não querem ouvir falar em recrutamento de novos membros, em lutas de massas, em trabalho constante junto dos seus companheiros, para os esclarecer, para os dirigir, para os defender da exploração. Funcionam, não como activistas do Partido, mas como elementos sectários, estranhos às normas e objectivos do Partido, desempenhando o papel de travões da actividade revolucionária.

É seguro um tal trabalho? Não correm risco os camaradas que o praticam? Sim, eles correm riscos em vários casos, até porque ao imaginarem que tapam a cabeça deixam o resto do corpo a descoberto. Uma tal tendência causa graves prejuízos ao Partido.

Quanto mais estreitas são as ligações dos comunistas com os seus companheiros de trabalho

maiores são as suas possibilidades de defesa. Quanto maior é a estima, a simpatia e o crédito de que gozam os comunistas, melhores são as suas condições de trabalho, mais preservados estão da vigilância do patronato e da polícia. Quanto mais elevado é o grau de consciência política dos trabalhadores, resultante da acção dos militantes comunistas, mais defendidos se encontram esses militantes, maiores são as suas possibilidades de trabalho.

A consciência política dos trabalhadores serve de meio de defesa, dos combatentes de vanguarda.

Muitos são os exemplos, em que as massas souberam defender da acção policial, os militantes do Partido, que elas viram em reuniões de trabalhadores, nas secções das empresas, esclarecendo, insistindo na luta, tomando a cabeça desta.

É a ligação com as massas que permite isolar, nos locais de trabalho, os agentes do patronato, os informadores da PIDE evitando que eles se tornem elementos perniciosos à acção dos militantes.

Ao mesmo tempo que avisam os membros do Partido da presença dos bufos, os trabalhadores votam-nos ao desprezo e não poucas vezes os castigam quando o momento é oportuno.

## O Partido reforça-se pela ligação com as massas

Durante cerca de dois anos, num importante sector do Partido, o trabalho dos militantes foi conduzido de forma sectária. Receando a repressão, os camaradas fecharam-se sobre si mesmo, evitaram conduzir lutas, recrutar novos membros, realizar um trabalho de esclarecimento e de propaganda. Tão fechado e sectário era o trabalho nesse sector, que o quadro do Partido enviado para melhorar a actividade e alargar a organização deparou com uma resistência aberta dos elementos mais responsáveis. Na opinião desses camaradas os novos processos de trabalho constituíam uma ameaça a todo o esforço realizado, punham em perigo a liberdade dos militantes. Mas o debate travado ganhou a parte saudável da organização e o Partido seguiu adiante. Em vez dos pequenos núcleos de conspiradores surgiram células do Partido, com activistas que se integraram na orientação do Partido, o alargaram aos sectores mais importantes, o tornaram uma força combativa e dirigente. O Partido ligou-se às massas, conduziu grandes lutas e suportou firmemente os embates com o fascismo e a repressão.

Este exemplo podia multiplicar-se por milhares, para provar que a ligação do Partido com as massas é um seguro meio de defesa e que é essa ligação com as massas que possibilita o alargamento do Partido, e o cumprimento das suas tarefas.

Quando o Partido se enraiza numa empresa, numa região industrial e os seus militantes ganham uma influência crescente, as massas trabalhadoras não se limitam a concordar com a orientação do Partido, levam à prática essa orientação se os comunistas desenvolvem um bom trabalho de organização e de mobilização, a partir das reivindicações concretas imediatas. Têm então lugar importantes lutas de massas que elevam a consciência política dos trabalhadores e os armam para novos combates.

Os militantes comunistas devem aprender com essa rica experiência, buscando aí novos ensinamentos. Eles precisam de saber actuar em cada momento dado, precisam de saber organizar as massas para a luta, orientá-las na ofensiva no momento oportuno, fazê-las passar à defensiva quando as condições o impõem.

As lutas reivindicativas dos trabalhadores pela defesa dos seus interesses fornecem ao Partido novos militantes, os operários e operárias de vanguarda que se destacam na acção, se a organização sabe tomar as medidas necessárias e imediatas para chamá-los às suas fileiras.

Há quem pense que a propaganda por si só opera milagres e dispensa o esforço dos militantes. Sem dúvida que a propaganda e a agitação desempenham um importante papel no es-

(continua na pág. 7)